

Semiótica, (hiper)mediatização, circulação e atores/enunciadores: a caminho de um enfoque macro-relacional não antropocêntrico para pensar o futuro?

Semiotics, (hyper)mediatization, circulation and actors/enunciators: towards a macro-relational and non-anthropocentric approach to thinking about the future?

MARIO CARLÓN*

Universidad de Buenos Aires, Facultad de Ciencias Sociales, Instituto Gino Germani. Buenos Aires, Argentina

RESUMO

Este artigo analisa como uma determinada semiótica (sociosemiótica) de inspiração peirciana foi articulada com uma teoria de mediações nos escritos de Eliseo Verón nas décadas de 1980 e 1990, no âmbito de uma articulação com as noções clássicas da sociologia (atores individuais, coletivos de atores individuais, mídia, instituições) na era da mídia de massa (modernidade e pós-modernidade). Ele sintetiza essas dimensões em uma estrutura relacional ou sistêmica e também argumenta que essa articulação definiu um paradigma antropocêntrico dominante da época que não estava presente apenas no trabalho de Verón. Em seguida, com base nesse quadro, questiona o futuro dessa semiótica à medida que os usuários da Internet se apropriam da inteligência artificial (IA) para produzir discursos e colocá-los em circulação, fazendo algumas observações sobre o que muda e o que permanece em nossa contemporaneidade.

Palavras-chave: Mediatização, contemporaneidade, semiótica, inteligência artificial

ABSTRACT

This article is a review of how a given Peirce-inspired semiotics (social semiotics) was intertwined with a theory of mediatizations in the writings of Eliseo Verón from the 1980s and 1990s, which mark the combination with classical sociological concepts (individual actors, collectives of individual actors, media, institutions) in the age of mass media (modernity and postmodernity). These dimensions are synthesized into a relational or systemic framework, we then argue that such intertwining defined a dominant anthropocentric paradigm of the time that was present not only in Verón's work. From

* Licenciado em História da Arte pela Universidad Nacional de la Plata (UNLP) e Doutor em Ciências Sociais pela Universidad de Buenos Aires (UBA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5303-1308>. E-mail: mariocarlon895@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i3p159-184>

V.18 - Nº 3 set/dez. 2024 São Paulo - Brasil MARIO CARLÓN p. 159-184

MATRIZES

159



D

this context, the future of this semiotics is questioned, as internet users adopt artificial intelligence (AI) to produce and share discourses; we also raise considerations on what change and what remains in our contemporaneity.

Keywords: Mediatization, semiotics, contemporaneity, artificial intelligence

AS PERGUNTAS SOBRE a semiótica do futuro ou o futuro da semiótica, ou seja, de um campo de conhecimento que teve pelo menos duas fundações, nos forçam imediatamente a nos fazermos outra pergunta: de qual semiótica? Da americana, de Charles Sanders Peirce, ou da europeia, de Ferdinand de Saussure¹? Não só isso, pois deveríamos nos fazer a mesma pergunta se nos afastarmos do momento fundador e nos concentrarmos em sua consolidação como disciplina na década de 1960, quando, de acordo com Paolo Fabbri (2000), dois desenvolvimentos se desenrolaram: o que ele chama de semiologia e a tradição humanista baseada na linguagem como um hipersistema de signos, que ele associa à figura de Roland Barthes; e o que ele chama de paradigma semiótico, que ele resume com o nome de Umberto Eco.² Podemos vincular a de Saussure a Roland Barthes e a de Peirce a Umberto Eco, é claro, mas nesse caso nos depararíamos com outras questões. . . será que estamos entendendo direito? Uma é realmente continuação da outra? O “ideologismo” de Barthes e o textualismo de Eco identificados por Fabbri são traços menores?

O que estamos tentando enfatizar é que toda perspectiva científica depende de seus fundamentos, mas também de seu desenvolvimento. E até mesmo do desenvolvimento de seus objetos de pesquisa. Suas estruturas conceituais foram concebidas em relação a determinados objetos, em determinadas circunstâncias históricas, e tendem a se transformar à medida que as teorizações e as pesquisas se desenvolvem, os paradigmas mudam e os objetos, por sua vez, se transformam.

Esse é geralmente o caso no campo das “ciências sociais”. Porém, essas questões aumentam em complexidade em áreas do conhecimento que são forçadas a ser mais dinâmicas; por exemplo, os estudos de mídia, cujos objetos passaram por uma transformação real nos últimos anos, semelhante à que ocorreu na Revolução Industrial (que é mãe dos meios de comunicação de massa). Isso se deve à vertigem do desenvolvimento da midiatização atual, que tem amplos efeitos, pois, por um lado, é um dos grandes processos que estão moldando nossa sociedade a cada momento³ e, por outro lado, seu desenvolvimento é um dos que aceleram a passagem da modernidade e da pós-modernidade para a contemporaneidade.

¹ Como estamos seguindo inicialmente o argumento de Paolo Fabbri (2000), deixamos de lado por enquanto o fato de que uma terceira origem, na Rússia, também pode ser sustentada.

² A situação é ainda mais complexa se levarmos em conta que Paolo Fabbri (2000, p. 36), com sua ideia da *virada semiótica*, faz sua própria postulação da semiótica, com base na glossemática.

³ No nosso entendimento, pode-se argumentar que tanto a perspectiva nórdica, quanto a latino-americana, consideram atualmente a midiatização como um processo ou conjunto de processos (Carlón, 2024a, no prelo). A partir de suas proposições fundamentais, Verón (2001, 1995) considerou que esses processos resultam em sociedades diferentes: uma sociedade mediática (moderna) e uma sociedade mediatizada (pós-moderna). Para Friedrich Krotz (2017), um autor amplamente citado nesse tópico, a midiatização é um metaproceto de longo alcance semelhante ao urbanismo, ao individualismo ou à globalização.

Nesse contexto, este texto se propõe a refletir sobre o futuro de uma semiótica específica, que é a que vem se desenvolvendo desde o início dos anos 1980 com o surgimento da perspectiva latino-americana das mediações. Como essa última perspectiva foi fundada por Eliseo Verón (2001, 1995), é lógico que comecemos examinando sua semiótica, que também foi desenvolvida naqueles anos. Depois veremos que provavelmente não deveríamos falar de uma semiótica, mas de duas. Primeiro, uma antropocêntrica, conhecida como sociossemiótica; e depois uma não antropocêntrica, que ele chamou de semioantropológica, que é a que ele implantou na última parte de sua vida.

Nessa estrutura apresentaremos, ainda que esquematicamente, uma tese para pensar sobre o passado, o presente e o futuro dessa semiótica. Dito isso, há duas questões a serem esclarecidas. A primeira é por que dizemos “esquematicamente”? Isso porque o faremos por meio de uma tabela e, também, porque consideramos impossível, dada a complexidade do tema e por razões de espaço, fazer de outra forma. A segunda é por que, se quisermos vislumbrar o futuro, devemos olhar para o passado? Para dar uma resposta, precisamos apresentar nossa tese. Faremos isso quando apresentarmos a tabela, na próxima seção.

UMA TESE PARA PENSAR SOBRE O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DE UMA DETERMINADA SEMIÓTICA: UM ENFOQUE RELACIONAL

Agora compartilhamos, como fizemos antes, um gráfico inédito, no qual estamos trabalhando há anos⁴. Trata-se de uma tabela de dupla entrada que distingue verticalmente quatro eixos conceituais e, horizontalmente, diferentes momentos históricos: modernidade, pós-modernidade e contemporaneidade (Figura 1). Acreditamos que seu interesse não está apenas no fato de apresentar uma estrutura conceitual, mas também no fato de ser uma *ferramenta de trabalho útil* que nos permite pensar de forma produtiva, com base na experiência adquirida em nosso campo, sobre desenvolvimentos futuros.

Considerando que a semiótica do futuro foi o tema do 10º Congresso Latino-Americano de Semiótica e que o mesmo tema é o foco deste artigo, vamos nos concentrar mais na primeira coluna. Ao mesmo tempo, porém, é muito importante que expressemos que nossa tese sustenta que a maneira mais produtiva de pensar a semiótica do futuro não é por meio de suas relações consigo mesma, mas na medida em que ela é capaz de estabelecer uma articulação consistente com as outras dimensões. É com base nessa postulação, portanto, em nível macro-epocal, mas com base em mais de oitenta investigações empíricas que vincularam os diferentes níveis de análise (micro, médio e macro), que especularemos sobre seu futuro⁵.

⁴ Ele foi apresentado pela primeira vez no I Simpósio Internacional de Pesquisas sobre Mídiações e Processos Sociais, em 2016.

⁵ Essas pesquisas foram realizadas em diferentes espaços institucionais, e não apenas na Argentina. Porém, o epicentro delas é a Cátedra Semiótica de Redes da UBA. Nesta página, você pode acessar uma seleção de pesquisas realizadas desde 2016: <https://semioticaredes-carlon.com/#>

Figura 1
Quadro futuro da semiótica

	SEMIOSE	MEDIATIZAÇÃO	CIRCULAÇÃO	ATORES/ ENUNCIADORES
MODERNIDADE	Semiose antropocêntrica (Sociossemiótica)	Sociedade mediática	Descendente	De instituições a coletivos de atores individuais
PÓS-MODERNIDADE		Sociedade mediatizada		
CONTEMPORANEIDADE	Semiose não antropocêntrica (Teoria semio-antropológica)	Sociedade hipermediatizada	Descendente, horizontal e ascendente	Humanos e não humanos, são atores/enunciadores

Nota. Elaboração própria.

Cabe ressaltar que a tabela foi elaborada para pensar o cenário contemporâneo. Para sua concepção, foi realizada uma análise sistemática do pensamento de Verón em sua passagem da modernidade/pós-modernidade para a contemporaneidade, atentando para quatro eixos que consideramos fundamentais em sua obra, pois persistem nela ao longo das décadas⁶. Na apresentação a seguir, tentaremos fazer um relato da evolução de seu pensamento, mas, ao mesmo tempo, nos distanciaremos de algumas decisões teóricas (por exemplo, seu antropocentrismo da década de 1980, do qual ele também se distanciou com o tempo). Além disso, especialmente à medida que nos aproximamos da contemporaneidade, apresentaremos nossas teses (nos referiremos a sociedades hipermediatizadas, circulação de hipermídia, hipermediatização etc.).

Vamos nos concentrar na imagem. Os conteúdos localizados nas interseções tentam situar a característica mais relevante e dominante que caracteriza cada momento histórico. Como já dissemos, essas características devem ser pensadas em sua dimensão relacional. Portanto, quando há diferenças entre uma célula e outra em relação às demais, como acontece, por exemplo, na interseção entre a linha modernidade/pós-modernidade e a coluna mediatização com as outras interseções (a célula mediatização é dividida em duas), é preciso estabelecer explicações e argumentos que nos permitam resolvê-las de forma consistente. Retornaremos a essa célula, que já foi objeto de reflexão em um artigo específico (Carlón, 2020a), e apresentaremos nossos argumentos sobre *porque, embora tenha havido uma mudança na mediatização na pós-modernidade, não localizamos o*

⁶Embora Verón nunca tenha declarado isso explicitamente, acreditamos que ele tenha realizado essa operação ao longo dos anos.

surgimento da contemporaneidade aqui, mas sim na primeira década de nosso século, quando a sociedade se torna hipermidiatizada como resultado do surgimento de novos sistemas de midiatização baseados na Internet.

MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

Uma semiótica antropocêntrica e a contribuição da abordagem de circulação

Agora nos voltamos para a teoria da análise social do discurso (TADS) de Eliseo Verón, também conhecida como sociossemiótica, com o objetivo de determinar quais aspectos podem ser produtivos ou permanecer válidos em uma semiótica do futuro. Escrito sob a influência do trabalho de Charles Sanders Peirce na época da expansão da análise interdiscursiva, *La semiosis social. Fragmentos de una teoría de la discursividad* (Verón, 1987) talvez seja sua obra teórica mais influente e constitui, na atualidade, um exemplo paradigmático de teoria semiótica antropocêntrica. Essa característica é claramente expressa na dupla hipótese que Verón afirma em um texto-chave do livro, “*El sentido como producción discursiva*”, no qual ele expressa sobre a rede semiótica na qual todos nós estamos imersos que: a) toda produção de significado é necessariamente social, b) todo fenômeno social é, em uma de suas dimensões constitutivas, um processo de produção de significado (mais ou menos micro ou macrossociológico). Essa dupla hipótese deu um perfil específico à proposta veroniana (diferenciou-a de outras semióticas menos sociológicas, mais humanistas – Barthes – e mais textualistas – Eco –, se voltarmos às distinções de Fabbri); e constituiu, ao mesmo tempo, uma grande contribuição diante das objeções que as perspectivas da análise do discurso recebiam na época, de que lhes faltava uma abordagem que desse conta do social⁷.

Entretanto, seu antropocentrismo é inquestionável. Isso não é observado apenas teoricamente em nível macro⁸, mas também em nível micro, no nível de aplicação de seu dispositivo analítico. Uma das chaves para a sociossemiótica de Verón é sua explicação de *como, na análise dos discursos, o social é levado em conta*: é porque as operações sociais produtoras de significado investem as questões significantes com significado (Verón, 1974). Essa argumentação sofisticada não é isenta de limitações, pois não apenas as operações sociais produzem significado ou dão significado às materialidades, mas também os dispositivos e as linguagens o fazem de forma autônoma e, da mesma forma, influenciam os fenômenos naturais estabelecendo possibilidades e restrições. Portanto, seu antropocentrismo não considerava todo um conjunto de fenômenos enunciativos próprios dos meios de comunicação de massa, que é do que estamos falando, na era dos meios de

⁷ Verón (1987, p. 127) disse: “Essa perspectiva permite superar a antiga disputa entre análise ‘externa’ e ‘interna’. . . Ela se opôs de várias maneiras àqueles que sustentam o ‘imanentismo’ da análise e àqueles que propuseram relacionar os objetos analisados à sociedade, à história, etc. (por exemplo, uma coisa seria fazer semiótica literária e outra bem diferente seria fazer sociologia da literatura...)”.

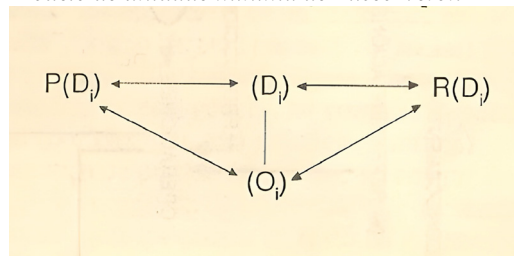
⁸ Lembremos o que disse Verón (1987, p. 130): “A rede infinita de semiose social se desdobra no espaço-tempo de significar assuntos, sociedade e história”.

comunicação de massa, cujos dispositivos são de registro automático. Em outras palavras: não há espaço nessa teorização para o estudo das relações entre humanos e não-humanos. Nem para aquelas estabelecidas pelos dispositivos de registro automático e linguagens da época em profunda interação com a natureza (fotografia, cinema e televisão); nem, muito menos, para aquelas estabelecidas pelos atuais programas generativos (baseados em algoritmos, IA, *machine learning*). Faremos referência a ambas as questões mais adiante.

Entretanto, essa abordagem não o impediu de fazer contribuições importantes. Uma delas foi o modelo de “unidade mínima” (Figura 2) da rede semiótica, que contém duas vezes o signo triádico de Peirce, cuja importância não foi apenas teórica, mas também metodológica, uma vez que foi usado por décadas como um “modelo de análise” da circulação do significado, considerando-o útil para o estudo de situações mediatizadas e não mediatizadas.

Figura 2

Modelo de unidade mínima de Eliseo Verón



Nota. Verón (1974).

A chave do modelo, que justifica o fato de conter duas vezes o gráfico de Peirce, é a dimensão temporal, em razão da qual o discurso (D) em análise é apresentado como uma configuração espaço-temporal de sentido cujas condições de produção (CP) podem ser analisadas, que são principalmente discursos anteriores (a teoria da interdiscursividade está presente aqui); mas essa análise, por definição, tem limites, pois não autoriza o conhecimento do reconhecimento (CR), que é implantado em outra temporalidade, posterior. Assim, ele considera, portanto, que há um hiato entre a produção e o reconhecimento, que são dois momentos e instâncias da produção de sentido diferentes entre si, que devem ser analisados separadamente e em uma ordem lógica inevitável: primeiro a análise deve ser feita *na produção*, depois *no reconhecimento*, para poder postular, finalmente, a diferença, ou seja, a *circulação*.

Essa concepção de circulação foi epistemologicamente central para essa semiótica. E se considerarmos a atual explosão da circulação contemporânea

em várias direções entre diferentes sistemas de mídia (da mídia de massa às redes de mídia social: TikTok, Instagram, Facebook, etc., e vice-versa); e de cada uma delas para o *underground* (chats, WhatsApp, etc.), no qual essas instâncias tendem a se confundir, isso é ainda mais verdadeiro⁹. Em outras palavras: era indispensável antes, continua sendo agora e será no futuro.

Midiatização

A fundação da perspectiva da midiatização por Eliseo Verón no início da década de 1980 foi notável, principalmente por causa da autoconsciência que caracterizou seu gesto fundador. Verón não apenas forneceu conceitualizações precisas da midiatização como um processo em “*Arquitecturas de la pantalla chica. El living y sus dobles*”, seu texto de 1984, mas, para evitar dúvidas, ele também intitulou o seminário que ministrou na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires dois anos depois, *La Mediatización* (Verón, 2001).

Como estamos interessados em nos deter aqui na imagem que apresentamos e em sua dimensão relacional, abordaremos diretamente essa questão e nos concentraremos nos vínculos entre sua semiótica, à qual acabamos de nos referir, e sua teoria da midiatização.

Podemos fazer duas perguntas que estão articuladas entre si. A primeira é: *como é possível que duas sociedades diferentes tenham o mesmo sistema de mídia, o da mídia de massa, se a midiatização é tão relevante na configuração de uma ideia de sociedade?* Já dissemos que Verón distinguiu duas sociedades em meio à pós-modernidade, uma sociedade midiática (moderna) e uma sociedade midiatizada (pós-moderna). Uma resposta que podemos dar, com base nos comentários de Verón e de outros autores (Hjarvard, 2014), é que houve uma mudança no papel da mídia de massa na vida social, o que levou a uma modificação no funcionamento das instituições sociais, que adaptaram suas lógicas às da mídia de massa. Essa mudança foi tão grande que provocou o surgimento da perspectiva da midiatização tanto no trabalho de Verón quanto nos países nórdicos (Carlón, 2020a). Mas, dito isso, que não é pouca coisa, podemos tentar ir além, aproveitando a produtividade da lógica relacional presente na imagem e nos fazer outra pergunta: *por que essa mudança não produziu, como pode ser visto no gráfico, o surgimento da contemporaneidade?* Nossa tese é que isso se deve ao fato de o surgimento da contemporaneidade ser o produto de uma mudança muito maior que só é desencadeada quando surge um novo sistema de mídia e que é acompanhada, como veremos, por uma mudança na conceituação de semiose, atores/enunciadores e circulação.

⁹A enunciação de uma perspectiva sobre a circulação como uma diferença entre produção e reconhecimento foi muito importante, por um lado, porque foi enunciada nos anos de dominância hegemônica dos meios de comunicação de massa e, por outro, porque estabeleceu limites para as análises de produção, que tendiam a levantar hipóteses de efeitos lineares desses discursos no reconhecimento.

A segunda pergunta que podemos nos fazer é *por que temos a mesma rede de produção de significado no período, com base no modelo de semiose estabelecido por Verón (1987) que acabamos de mencionar, se, de acordo com sua teoria de mediatização, há duas sociedades diferentes?* Nossa resposta é porque essa foi a concepção dominante em ambos os períodos, já que ainda estamos no desenvolvimento do longo estágio antropocêntrico. Depois de um estágio teocêntrico (da Antiguidade até o final da Idade Média), um estágio antropocêntrico surgiu na modernidade (com sua separação entre Igreja e Estado; sua adoção do sistema democrático e o abandono da origem divina como legitimadora do poder; e assim por diante). Esse antropocentrismo, que era hegemônico naqueles anos, foi e ainda é muito importante no campo das “ciências sociais” e na semiótica.

Voltamos a uma questão sobre a qual já comentamos: não havia fenômenos produtores de significado no período que merecessem o desenvolvimento de outra semiótica não antropocêntrica? Sim, mas eles foram considerados marginais e uma semiótica antropocêntrica geral foi considerada suficiente. Os discursos semióticos não antropocêntricos, que eram tratados principalmente por semióticas particulares, não eram marginais, mas silenciados, invisibilizados ou lateralizados pelas onipotentes teorias antropocêntricas (sociosemióticas, humanistas etc.). E, embora essa situação em grande parte não seja diferente em nosso tempo, está se tornando cada vez mais evidente que, para conceituar a mudança que está sendo provocada atualmente pela revolução tecnológica do *machine learning*, da IA e até mesmo das transformações que estão ocorrendo nas redes semióticas normativas e específicas, como as jurídicas, que, por terem começado a ser penetradas pelo paradigma não antropocêntrico, estão mudando as formas de pensar sobre as cidadanias (voltaremos a isso mais tarde), são necessárias outras estruturas teóricas.

Na parte final, “Os desafios da contemporaneidade”, tentaremos apresentar alguns argumentos sobre como esses quatro eixos são articulados em nosso tempo.

Circulação

Continuemos com a abordagem relacional. A pergunta a ser respondida aqui é como era a circulação do significado na era da mídia de massa; em particular, como ela estava ligada à mediatização.

Nas eras moderna e pós-moderna, havia dois circuitos principais de circulação mediatizada de significado: o que vinha da mídia de massa para os “públicos” ou “audiências”, de natureza totalmente pública; e o predecessor do sistema que hoje chamamos de *underground*, que consistia principalmente em correspondência postal e telefone. Pouco sabemos da circulação de significado

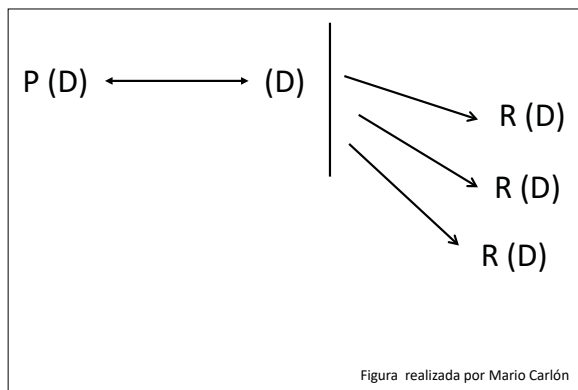
nesse sistema, tanto porque era difícil de estudar (já que esses discursos tinham um status íntimo e privado) quanto porque o interesse dominante da teoria da midiatização estava concentrado no público. Esses fatos não nos impedem de levantar a hipótese de que, enquanto no “*underground*” a circulação do significado era mais “horizontal” (na medida em que, por meio dessas mídias, os atores/enunciadores tinham possibilidades semelhantes de se comunicar uns com os outros)¹⁰, no outro, a direção da comunicação era de descendente (“*top down*”) e *assimétrica*, uma vez que os fluxos comunicacionais vinham das instituições ou da mídia (geralmente consideradas instituições) em direção aos públicos; e que os atores/enunciadores que compunham esses públicos não podiam, por outro lado, tornar suas mensagens públicas.

Para ilustrar o que estamos dizendo de acordo com o modelo de “unidade mínima” de Verón (1987), elaboramos a Figura 3, que mostra como era a circulação moderna e pós-moderna de significado.

¹⁰Como sempre, havia exceções. Por exemplo: um indivíduo recebia uma multa ou uma carta de uma instituição educacional e podia responder a ela. Mas se compararmos esse cenário com o atual, no qual, graças às redes de mídia social (IG, TikTok, X etc.), qualquer pessoa pode tornar públicas suas apropriações, conteúdos e opiniões, não há dúvida de que o cenário é muito diferente.

Figura 3

Modelo de unidade mínima (de acordo com as direções comunicacionais)



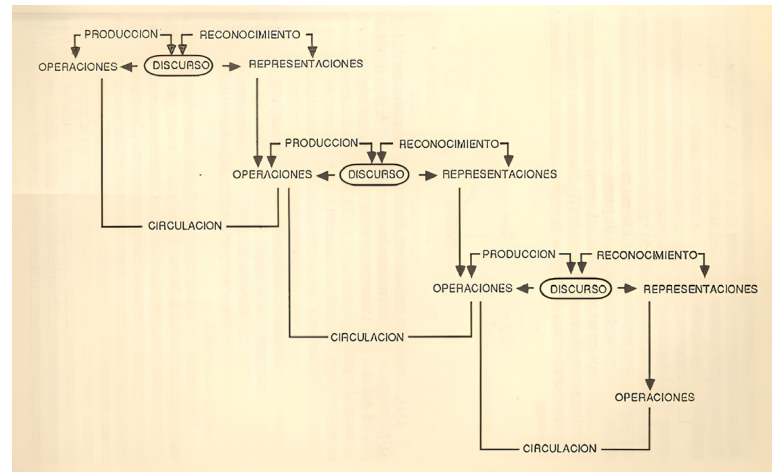
Nota. Elaboração própria.

Para concluir esta seção, também podemos compartilhar um dos gráficos mais interessantes de Verón (1987), o gráfico da circulação do discurso científico, que revela como ele pensava a circulação dos processos de construção do conhecimento na época do surgimento das disciplinas científicas. O gráfico ilustra uma circulação “descendente” e pode, em nossa opinião, ser usado para pensar sobre a circulação moderna e pós-moderna de significado, que foi dominada, como vimos, por várias instituições (entre elas, a universidade e a mídia de massa). A tabela mostra que, em termos de produção/circulação de significado, embora tenha havido uma mudança na pós-modernidade no nível da produção

de significado e da mediação, a transformação não foi tão grande no nível da circulação, razão pela qual ainda não falamos de contemporaneidade.

Figura 4

Circulação e rede semiótica segundo Verón



Nota. Verón (1987).

Atores/enunciadores

Verón desenvolveu sua TADS na década de 1980, mas foi na década de 1990 que ele “fechou” seu sistema teórico na dimensão relacional, acentuando ainda mais seu perfil sociológico. Ele fez isso em dois textos (Verón, 1994, 1999), nos quais articulou sua teoria de signos e a rede semiótica com a teoria da mediação e o papel dos atores/enunciadores. Um de seus principais escritos sobre esse assunto é “*Esquema para el análisis de la mediatización*” (Verón, 1999), no qual ele realiza três operações importantes. A primeira é explicar que *os atores podem ser considerados signos na rede semiótica, de onde se conclui que eles podem ser localizados em lugares específicos na produção e no reconhecimento*. A segunda é identificar esses atores, que são os da *sociologia clássica: mídia, instituições, coletivos de atores individuais e indivíduos*. A Figura 5 resume essa formulação.

A terceira operação é a que levanta uma questão central: como os coletivos são construídos¹¹? A resposta que Verón deu naquele texto, e ao longo dos anos, foi que eles são construídos pela mídia e pelas instituições, ou seja, que eles não são construídos, podemos concluir, por atores/enunciadores orgânicos (indivíduos e coletivos). Tudo isso, é claro, também explica por que considere especialmente a circulação descendente, a partir da mídia e das instituições, por meio de discursos que são públicos. A outra circulação, a do *underground*, mais

¹¹Do nosso ponto de vista, essa questão é central porque leva a outra, que é como se constrói a sociedade contemporânea, produto do processo de hipermediação, em que há muitas formas de circulação de sentido e em que outros atores/enunciadores são capazes de construir coletivos? É isso que tentamos estudar (Carlón, 2020b) e tentamos nos aprofundar em textos recentes (Carlón, 2024a). Novamente, é importante observar que, por sua vez, esses textos não foram produzidos sozinhos, mas em relação a vários pesquisadores e pesquisas (um exemplo: Fraticelli, 2023).

horizontal, dominada por trocas entre atores/enunciadores orgânicos, não foi privilegiada por essa perspectiva¹², porque não foi considerada capaz de construir coletivos. No próximo item, veremos como a dimensão relacional se desenvolve para aqueles de nós que praticam essa abordagem em nossa contemporaneidade, de acordo com a reflexão que acabamos de realizar.

¹²Embora sua dimensão não antropocêntrica nem sempre tenha sido privilegiada, esses atores/enunciadores, por outro lado, foram atendidos por diferentes campos de estudos, como aqueles que se concentraram no espaço biográfico – textos de referência nesse campo são *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea* (Arfuch, 2002) e *La intimidad como espectáculo* (Sibilia, 2008) – ou a memória.

Figura 5
Unidade mínima de Verón com atores/enunciadores

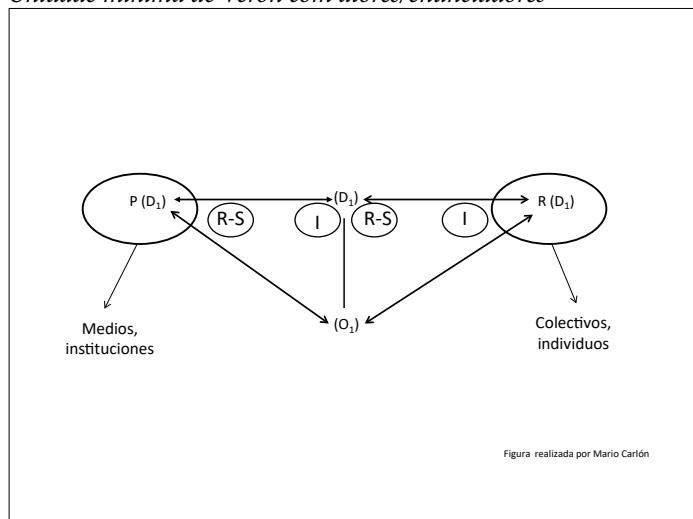


Figura realizada por Mario Carlón

Nota. Elaboração própria.

OS DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE

Um Verón contemporâneo?

Neste item, propomos apresentar algumas hipóteses sobre nossa contemporaneidade de acordo com as precisões apresentadas na tabela com a qual começamos nossa apresentação.

Vamos começar com a primeira coluna, a da semiose. A tabela apresenta a mudança para uma semiose não antropocêntrica¹³. Essa mudança é lenta, porque o antropocentrismo está profundamente enraizado nas ciências sociais. Entretanto, não temos dúvidas de que essa seja a direção que os estudos semióticos ligados à midiatização e à circulação devem tomar com cada vez mais convicção.

Antes de expor nosso pensamento, vejamos o que Verón propôs em seus escritos posteriores, que justificam o argumento de que, além da modernidade/pós-modernidade, ele teve um momento contemporâneo. Verón se moveu em várias direções não antropocêntricas nos textos que produziu nos últimos

¹³Em vários trabalhos ao longo dos anos, apresentamos nossas teses sobre esse tópico: Carlón (2004b, 2008). Muitas delas estão resumidas em nosso livro *Después del fin. Una perspectiva no antropocêntrica sobre la post-tv, el post-cine y YouTube* (2016). Em textos posteriores, retomamos, ampliamos e também discutimos as teses apresentadas nesse livro.

D

¹⁴Disse em *La semiosis social. Fragmentos de una teoría de la discursividad*: “Durante muito tempo, e apesar da grande diversidade de fontes filosóficas das quais pôde se valer, a epistemologia persistiu em acreditar que o conhecimento é algo a ser predicado de um sujeito individual; que o conhecimento é um processo que ocorre dentro da estrutura de uma consciência ou de uma certa estrutura de consciência.... Por ocasião do surgimento das disciplinas científicas, sugeri, em uma marca d’água, outro esquema, segundo o qual o conhecimento é um efeito de sentido cuja natureza só pode ser esclarecida ao ser recolocado na rede infinita de discursos entrelaçados, interminavelmente, com certas práticas sociais e, em particular, com aquelas que se tornaram “as ciências”. Nessa rede, o conhecimento é, de certa forma, *intersticial*. O sujeito não é o suporte desse conhecimento, porque só há conhecimento quando o discurso do sujeito (o único do qual o sujeito é o suporte) está ‘amarrado’ entre suas condições discursivas de produção (que ele efetua) e suas condições discursivas de reconhecimento (que ele *abre* e que, como Peirce havia entendido, dependem ‘do que será mais tarde’)” (Verón, 1987, p. 130).

¹⁵Vale lembrar que Verón estudou com Lévi-Strauss quando este chegou à França e que foi o responsável pela tradução de *Antropología estructural*.

¹⁶Segundo Verón (2013a, p. 79): “A cultura é um nível qualitativamente diferente da natureza na medida em que pressupõe um intenso aumento da complexidade, mas cada novo nível tem necessariamente sua origem no anterior, de modo que também se pode afirmar, e sem contradição, que a natureza produz a cultura, ou seja, que a cultura é um fenômeno natural”.

anos de sua vida. Para explicar isso, podemos começar citando Jean-Marie Schaeffer, um autor que ele lia muito e que respeitava particularmente. Em *El fin de la excepción humana*, Schaeffer (2009) distinguiu três transcendentalismos antropocêntricos em relação à dimensão biológica do *homo sapiens*, que são basicamente antievolutivos: um baseado na concepção do “sujeito” em relação ao conhecimento, outro na do “social” e o terceiro, que se baseia no “cultural”. Não nos deteremos na primeira, da qual Verón já havia se distanciado em seu clássico de 1987, devido à sua convicção sociológica¹⁴. Em relação ao cultural, sua posição evolucionista radical já está clara em pelo menos dois textos: na homenagem a Lévi-Strauss¹⁵ intitulada “Claude Lévi-Strauss y el fin del humanismo” (Verón, 2009a) e em “Binarismo y triadismo” (Verón, 2013a)¹⁶, o capítulo dedicado ao antropólogo francês em *La semiosis social 2. Ideas, momentos, interpretantes*.

Além desses desenvolvimentos, consideramos que as proposições não antropocêntricas mais relevantes para sua própria teoria, de acordo com a abordagem relacional que escolhemos, talvez tenham sido formuladas em “Ciclos de vida” (Verón, 2013b), o texto com o qual ele conclui *La semiosis social 2. Ideas, momentos, interpretantes*, no qual, embora continue a argumentar que os coletivos são criados por instituições e fenômenos midiáticos (não há exemplos de indivíduos), ele destaca o status heterogêneo dos atores sociais e enunciadores, diferenciando, por exemplo, entre socioinstitucional, por um lado, e sócioindividual, por outro.

Duas questões são importantes aqui. Por um lado, que a introdução da categoria sócioindividuais é relevante, dado o lugar que os indivíduos tiveram ao longo da obra de Verón, que sempre rejeitou abordagens que davam lugar à subjetivação¹⁷. Por outro lado, os coletivos e os indivíduos são agora reconhecidos em seu status *orgânico* e, portanto, são conceituados de uma maneira muito diferente da mídia e das instituições (“A temporalidade dos sistemas sociais sócioindividuais é necessariamente a de um ciclo de vida orgânico” (Verón, 2013b, p. 431). Embora não seja explicitamente declarada, está claro para nós que essa distinção, que coloca no nível dos atores um status diferente na relação natureza/cultura do que aquele possuído pelas instituições, que não têm limites biológicos, também introduz uma hipótese diferente sobre a semiose. Por quê? Porque essa rede contemporânea não pode mais ser analisada com base na “hipótese dupla” antropocêntrica de *La semiosis social* de 1987. Veremos agora as consequências dessa operação relevante do nosso ponto de vista¹⁷.

Antes de concluir, mais um comentário sobre esse Verón. É interessante notar que o autor não avançou no reconhecimento da autonomia do automatismo

e das máquinas, o outro lado que, de nossa perspectiva, deve ser adotado em uma abordagem contemporânea não antropocêntrica¹⁹.

Um enfoque relacional para pensar a contemporaneidade

Vamos agora expor brevemente nosso ponto de vista sobre a contemporaneidade. Tentaremos desenvolvê-lo respeitando a lógica da abordagem relacional que estamos defendendo ao longo desta apresentação. Começaremos com uma reflexão geral. Em seguida, explicaremos, com mais detalhes, por que essa abordagem deveria ter tido um lugar mais proeminente na era da mídia de massa (modernidade/pós-modernidade). Por fim, tentaremos apresentar alguns pontos sobre o que está acontecendo hoje em dia em termos do macroprocesso de hipermediatização.

O não antropocentrismo contemporâneo deve ter dois desenvolvimentos simultâneos: por um lado, reconhecer nossa condição biológica e que somos parte da evolução, fato que, no nível do significado, implica o reconhecimento de nossa dimensão viva, finita e orgânica, e todas as consequências que dela derivam (por exemplo, o surgimento de uma nova realidade midiaticizada)²⁰ e, por outro, reconhecer, via automatismo, a autonomia da tecnologia e das máquinas, que se desdobra desde a Revolução Industrial, continua com processos como a digitalização e a convergência e, atualmente, com o *machine learning* e a inteligência artificial²¹.

O que é essencial na proposição que acabamos de formular é que os dois lados dessa abordagem devem trabalhar na análise em permanente interação. Dois exemplos rápidos, válidos para pensar os discursos que contêm imagens em dois níveis clássicos da análise semiótica: o da representação e o da sintagmática. Desde a antiguidade no Ocidente, quando o projeto de fazer a *vida penetrar na imagem* – por meio do que Ernst Gombrich (2002) chamou de “princípio da testemunha ocular” – se impôs em relação à representação, a atenção ao funcionamento de nossa dimensão biológica (de nosso dispositivo óptico binocular como espécie, diferente de outras, mas também semelhante a outras que veem de forma tridimensional – como muitos predadores²²), influenciou o design de pinturas e esculturas que se adaptaram a ela (Carlón, 2016a); depois nos dispositivos e máquinas da Revolução Industrial (fotografia, cinema e televisão); e, atualmente, continua a fazê-lo em programas de inteligência artificial generativa, como o *Midjourney* (como veremos no exemplo que focalizaremos no próximo item, o Projeto IAbuelas, que oferece imagens que parecem fotografias); nos desenvolvimentos da realidade aumentada e das tecnologias 360, e assim por diante. Consequentemente, se quisermos explicar como e por que os

¹⁷Também é interessante notar aqui que essa semiótica ou semioantropologia está agora mais “atrasada” no tempo do que a sociosemiótica, que começou na modernidade, quando a mídia de massa surgiu, graças ao conceito de “fenômeno da mídia”, e que remonta à origem do *homo sapiens*. É muito interessante relacionar essa reflexão com as recentes propostas de Göran Bolin (2024), um referente sueco da perspectiva da midiatização, que, no âmbito de uma proposta sobre a necessidade de desenvolver uma “tecnos-semiótica”, uma abordagem com poucos precedentes na perspectiva nórdica, dominada por perspectivas institucionalistas e socioconstrutivistas, defende uma “longa” história de midiatização e expressa sua concordância, também nesse ponto, com a perspectiva fundada por Verón.

¹⁸Um comentário rápido: é somente a partir do momento em que esses atores/enunciadores individuais e coletivos (orgânicos) começaram a gerenciar sua própria “mídia” na primeira década deste século que surge o momento que podemos conceituar como o início da contemporaneidade, no qual a hipermediatização irrompe como um metaprocesso. Essa tese pode ser lida na entrevista: Bañuelos Capistrán, e Rigat (2024).

¹⁹Apresentamos só um exemplo. Verón (2012, p. 15) afirma: “Os dispositivos técnicos são, em si mesmos, inertes: tudo depende do que as sociedades acabam fazendo com eles”.

²⁰É porque, desde que os atores/enunciadores orgânicos começaram a gerenciar sua própria “mídia”, a circulação global do significado público foi transformada pela comunicação de suas experiências cotidianas (geralmente íntimas e às vezes privadas).

D

²¹Como conceituar essa última proposição às vezes não é tão fácil, pois parece que estamos falando de assuntos excessivamente abstratos, vamos rapidamente dar um exemplo: em *Blow up* (1966), o grande filme de Antonioni, quem enuncia o evento central do filme não é um humano, mas o automatismo do dispositivo fotográfico, com todas as suas restrições para interagir com nosso dispositivo óptico em interação com a luz do dia, um fenômeno natural.

²²Uma revisão interessante nessa área é feita no livro de Jacques Aumont (1992), que trata da perspectiva natural.

dispositivos de representação visual e audiovisual do Ocidente se tornaram, por exemplo, globalizados e perduraram ao longo do tempo, não basta considerar razões econômicas, militares, socioculturais ou linguísticas (aqui nos referimos à linguagem como um hipersistema de signos) etc.: devemos considerar que é porque eles deram lugar à nossa dimensão biológica, característica da espécie *homo sapiens*; ou seja, à maneira como vemos e acessamos a representação. Uma observação clara feita por Noël Carroll em sua crítica a McLuhan argumenta o seguinte:

Em vez de afirmar que a mídia estrutura nosso aparato sensorial, uma hipótese melhor, incompatível com McLuhan, é que nossa capacidade sensorial influencia nossa concepção de mídia, e não o contrário; nossa capacidade sensorial restringe nossa concepção de mídia na medida em que o sucesso (o auge) de qualquer mídia depende de sua abordagem eficaz de nossa capacidade sensorial preexistente. (Carroll, 2002, p. 143)

Outro exemplo: a abordagem não antropocêntrica também é fundamental para a compreensão da *sintagmática* dos discursos audiovisuais (Carlón, 2006; Metz, 1974), porque é um fenômeno *natural*, *o tempo em que estamos inscritos*, que, de acordo com a teoria do big bang e a “seta do tempo”, vai do passado para o futuro, que condiciona as possibilidades enunciativas das linguagens audiovisuais e, portanto, suas possibilidades de produção de sentido: enquanto a linguagem cinematográfica (e a televisão e o vídeo gravados) pode enunciar *flashforwards* (e *flashbacks*), porque *não enuncia no tempo presente, o direto não pode fazê-lo*. Dessa condição, que em nível sintagmático funciona como uma restrição, deriva uma singularidade: é um discurso que contém *vida* (finalmente, o Ocidente conseguiu o que buscava desde a Antiguidade: que a vida penetrasse na imagem). E a vida, como sabemos, depende da Natureza (a menos que se tenha uma crença criacionista, o que não é o nosso caso), e é por isso que esse discurso não só está sempre no tempo presente, mas também, em parte, é imprevisível.

Concluindo, ambos os níveis de análise, sintagmático e representacional, independentemente da tecnologia usada para produzir imagens e discursos audiovisuais, devem permanecer válidos na semiótica do futuro.

Entretanto, essas questões, como pode ser visto, já mereciam uma abordagem não antropocêntrica na era da mídia de massa, porque a maioria dos discursos que continham imagens era feita por meio de fotografias, filmes e televisão. No entanto, elas raramente tinham um lugar na teoria semiótica, não apenas na teoria semiótica veroniana. É um fato que destaca tanto o poder histórico do

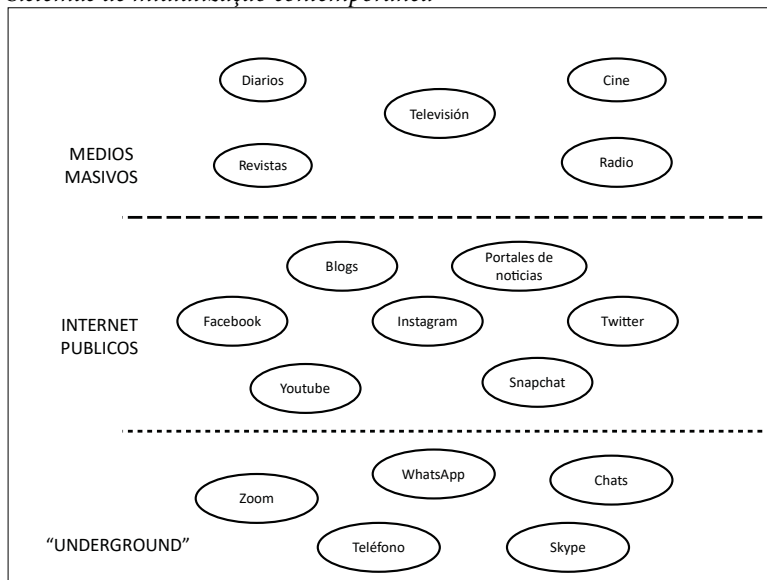
antropocentrismo quanto a necessidade de uma abordagem não antropocêntrica para pensar nossa contemporaneidade, na qual novos dispositivos de mídia, baseados em IA, e novas formas de circulação de significado estão colocando em discussão as possibilidades e os limites espaço-temporais nos quais nossa cultura e nossa sociedade se desenvolvem. No final desta apresentação, daremos um exemplo do que estamos expressando por meio de uma breve análise do Projeto IAbuelas do Instagram, ao qual já nos referimos, que nos permitirá mostrar em dois níveis, o do funcionamento de um programa de inteligência artificial e o da hipermediatização, aspectos cruciais da midiatização contemporânea, com os quais esperamos poder ilustrar um conjunto de formulações feitas ao longo desta apresentação.

Agora, vejamos o momento atual. Fazemos alguns comentários sobre as mudanças desencadeadas pela (hiper)mediatização e pela circulação contemporânea, seguindo a lógica da abordagem relacional. Começamos mostrando um gráfico sobre hipermediatização que contém os três sistemas de mídia a partir dos quais estamos conduzindo nossas análises atualmente²³.

²³Para uma melhor leitura dessa figura e da seguinte, nos remetemos a Carlón (2022).

Figura 6

Sistemas de midiatização contemporânea



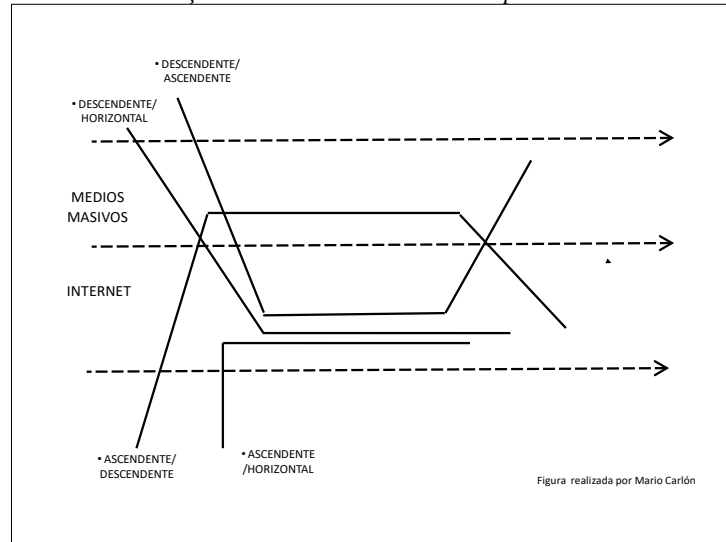
Nota. Elaboração própria.

Agora compartilhamos, seguindo a abordagem relacional, um gráfico sobre a circulação contemporânea que mostra as novas maneiras pelas quais o significado é materializado e implantado, além de ilustrar que, como não há

mais apenas um sistema de mídia, a circulação não é mais apenas “descendente”, mas também ascendente e horizontal.

Figura 7

Modos de circulação vertical/horizontal contemporâneos



Nota. Elaboração própria.

É importante observar que, embora as linhas que ilustram como os fluxos de circulação se materializam sejam contínuas para ilustrar melhor como o significado passa de um sistema para outro, *cada vez que isso acontece há um “salto” de hipermídia*, e não há linearidade, porque a análise se baseia na circulação como diferença. Esses saltos desencadeiam transformações, que consideramos características dos *processos de hipermediatização* (Carlón, 2024d). Essa abordagem, ao *incluir a dimensão diacrônica*, pode estudar fenômenos que vão além da circulação moderna/pós-moderna: por exemplo, a transformação de atores/enunciadores, tanto clássicos (coletivos, indivíduos, instituições, mídia) quanto novos (*fakes*, *bots*, novos influenciadores etc.), que passam, nesses processos, de desconhecidos a famosos; de famosos a cancelados ou implodidos; de organizadores de uma marcha que consegue a aprovação de uma lei a candidatos ou vítimas de uma denúncia de gênero, e assim por diante. O mesmo acontece com os coletivos: estudamos como eles surgem nas redes e passam a ocupar espaços mediatizados nas ruas; como são construídos, consolidados, fragmentados, etc. Ao incorporar o estudo da dimensão diacrônica, é possível abordar, a partir de uma concepção que considera as dimensões micro, média e macro, a *vida hipermediatizada e hipersemiotizada*

dos atores/enunciadores humanos e não humanos na hipermidiatização progressiva que caracteriza nossa sociedade.

IAbuelas

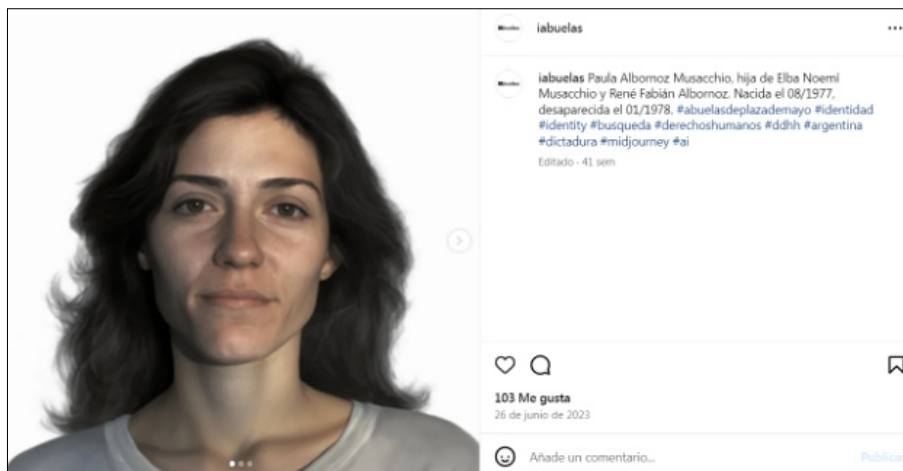
Para encerrar esta parte da apresentação, apresentamos um exemplo, que nunca deve faltar, após uma teorização. Ele nos permitirá, acreditamos, ilustrar o que temos apontado, já que traz à tona muitas das questões que analisamos até agora, que são as que estamos enfrentando atualmente quando tentamos implementar uma abordagem relacional em diferentes níveis.

O projeto IAbuelas foi criado por Santiago Barros, que aborda uma questão com uma longa tradição: a figuração de pessoas ausentes, nesse caso, os desaparecidos. IAbuelas trabalha com fotografias de pessoas que desapareceram durante a ditadura civil-militar argentina, que estabeleceu um plano sistemático de terrorismo de Estado entre 1976 e 1983, que incluía não apenas o desaparecimento forçado de pessoas, mas também sequestros, torturas e roubo de bebês²⁴. Ele usa o programa Midjourney, que instrui a gerar imagens de como os bebês desaparecidos seriam hoje. Ele carrega o programa com fotografias do pai e da mãe e, entre as quatro que o Midjourney gera, escolhe duas, uma masculina e uma feminina, já que o sexo do bebê desaparecido é desconhecido. O projeto é desenvolvido no Instagram. Esta foi a primeira publicação, feita em 26 de junho de 2023.

²⁴Com algumas exceções, as fotografias nas quais se baseia IA@buelas são publicadas na página de Abuelas de Plaza de Mayo com o objetivo de continuar a busca pelos netos dos desaparecidos para que eles possam recuperar sua identidade (<https://www.abuelas.org.ar/>).

Figura 8

Primeira publicação de IAbuelas no Instagram



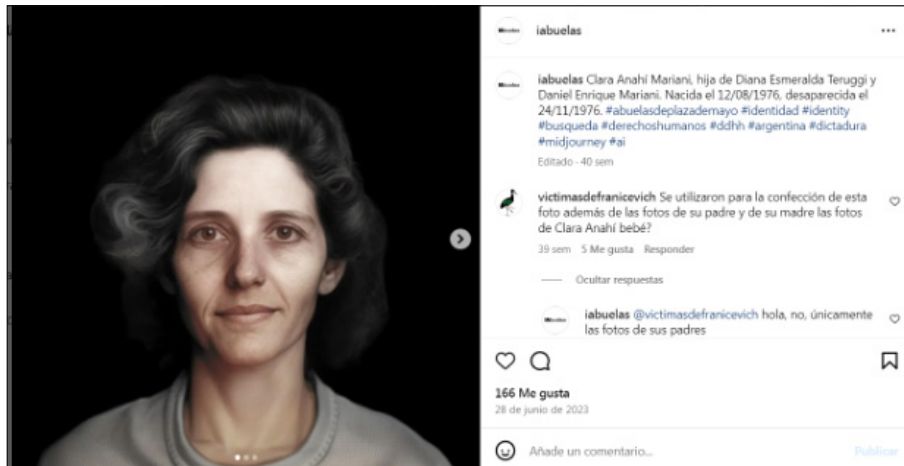
Nota. Instagram.

Do ponto de vista da semiose, isso só pode ser pensado a partir de um paradigma não antropocêntrico: as imagens geradas pelo Midjourney com seu alegado poder *preditivo* (diferentemente daquelas geradas pelos dispositivos e linguagens da era da mídia de massa - fotografia, cinema e televisão) *intervêm na dimensão do futuro* e só podem ser interpretadas por intérpretes que assumem e discutem as novas promessas de autonomia e automação que caracterizam o programa. Ou seja, se for considerada a intervenção de um ator/enunciador não-humano. Por sua vez, o resultado, uma imagem que se assemelha a uma fotografia, só pode ser explicado por sua tentativa de interface com o dispositivo óptico humano e seu modo de ver como espécie, ou seja, de acordo com o projeto ocidental de representação acima referido, que remonta à Antiguidade.

A análise que acabamos de apresentar já implica atenção ao nível de midiatização como um processo, mas vamos agora examinar outra dimensão, a hipermidiatização. A primeira publicação que recebeu *comentários* de usuários da Internet foi publicada em 28 de junho (trata-se de uma imagem que pretende retratar Clara Anahí Mariani, cuja foto é conhecida como um bebê). Uma circulação “horizontal” de significado começa a se tornar visível.

Figura 9

Primeira publicação comentada de IAbuelas no Instagram



Nota. Instagram.

Barros foi então o tema de uma entrevista conduzida por jornalistas profissionais, o programa *Brujas de Salem* (em 13 de julho)²⁵. Ocorre aqui um “salto” hipermediático: o fluxo de sentido gerado pelas IAbuelas publicadas em uma rede de mídia social, comentadas principalmente por amadores, “ascende” a outro nível de midiatização, que atua com outras lógicas. É por isso que, na entrevista,

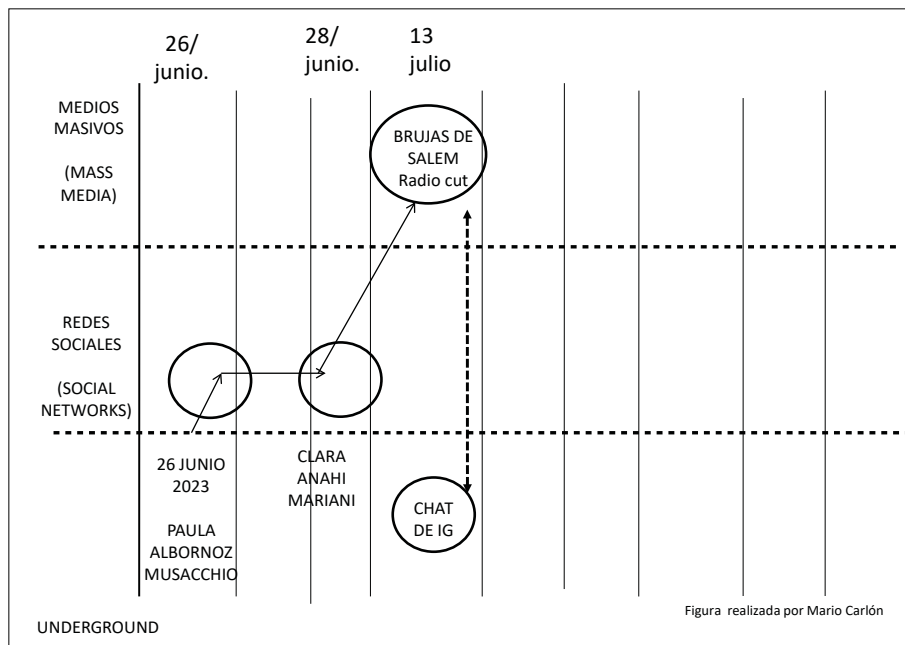
²⁵ Pelas jornalistas Gaby Chamorro e Juli Cavenaghi.

há precisões e diferenças. Uma delas é importante: Barros revela que tem sido contatado por meio do *chat IAbuelas*, que pertence ao sistema *underground*, pois não é público, por familiares que continuam a busca pelos desaparecidos. O importante, para o argumento que estamos desenvolvendo aqui, é notar que, em pouco tempo, *o significado começou a circular entre sistemas de mídia que têm lógicas diferentes, acessos públicos diferentes, poderes singulares, “para cima” e “para baixo” e horizontalmente, etc*²⁶.

²⁶Não é um fato menor: Barros deu depois outras entrevistas, entre elas para agências de notícias internacionais, e o Projeto se tornou “global”: foi destaque em *O Globo*, *The Seattle Times*, etc.

Figura 10

Circulação hipermediática de IAbuelas



Nota. Elaboração própria.

Mais um comentário: no processo de hipermediatização, Barros, como ator/enunciador, muda seu status. De desconhecido, ele se tornou conhecido (entrevistado por diferentes mídias, conhecido internacionalmente). Foi isso que quisemos dizer quando afirmamos que, *quando analisamos a hipermediatização como um processo* (Carlón, 2024a, no prelo), *não estamos apenas observando a circulação do significado, mas também as transformações na vida dos atores/enunciadores midiaticizados (que também afetam suas vidas offline)*.

Fim: semiose não antropocêntrica, atores humanos e não humanos (IA), circulação hipermídia (para *cima* e para *baixo*), hipermediatização (processos como a mudança de status do ator/enunciador). Essa é uma maneira de conduzir

análises de acordo com as transformações da dimensão relacional que caracterizam nossa contemporaneidade.

FLASHFORWARD?

Não sabemos como será a semiótica do futuro, mas arriscamos algumas palavras sobre o presente e o futuro dessa semiótica a que nos referimos, como a conhecemos e imaginamos. Essa semiótica, se quiser dar conta dos novos objetos de estudo, terá de continuar a questionar essas quatro dimensões e sua articulação. É nesse sentido que gostaríamos, nesta seção final, de fazer alguns comentários sobre essa questão.

Primeiro ponto: como expressamos ao longo deste texto, acreditamos que um desenvolvimento consistente diante dos desafios atuais da contemporaneidade terá de implantar uma abordagem não antropocêntrica. Essa abordagem deve abordar em todas as suas dimensões a interação reticular de fenômenos humanos e não humanos. O reconhecimento de atores/enunciadores não humanos implica igualdade política com os humanos, sobretudo os da Natureza, e ainda mais no contexto dos debates sobre o Antropoceno, mas não reivindica a abolição das diferenças: enquanto a Natureza é orgânica e os humanos também são, em certa dimensão, parte dela, os algoritmos e os robôs performativos não o são. Essa distinção é especialmente importante quando se realizam análises específicas, como a de IAbuelas. Assim, uma das tarefas que a semiótica pode propor em um momento em que estamos nos concentrando em apontar as semelhanças, por exemplo, entre as operações sociais e as da IA é desenvolver ferramentas para distinguir as marcas do vivo nas discursividades, na circulação e em suas relações com o maquinismo, assumindo que essas marcas são apenas uma entre outras. Embora todos nós saibamos das dificuldades que esse empreendimento de conhecimento pode enfrentar, esse fato não implica que ele não possa ser tentado.

Já nos referimos ao fato de que a rede semiótica deve ser conceituada integralmente e em todos os níveis, não de forma antropocêntrica. Portanto, aproveitamos esse último ponto para fazer um comentário que também se refere à semiótica, mas em relação a um objeto particular, um recorte dessa rede infinita, que é a rede normativa jurídica (uma de suas muitas “redes”, neste caso crucial para várias de nossas investigações, devido a seus efeitos em nível micro e macro em toda a “sociedade”). Todos os países, por meio de suas leis, desde a Constituição até as normas de trânsito, distinguem e regulam as relações entre diferentes atores. Alguns são cidadãos e outros não. Um dos fatos mais marcantes dos últimos anos é que o tecido semiótico jurídico na Argentina começou a ser penetrado

por uma concepção não antropocêntrica. Por exemplo: em 12 de dezembro de 2016, como resultado de uma disputa legal entre a Associação de Funcionários e Advogados pelos Direitos dos Animais (AFADA), representada pelo advogado constitucional Andrés Gil Domínguez, contra o Governo da Cidade de Buenos Aires, ao qual pertence o Zoológico de Buenos Aires, foi reconhecido o status de “pessoa não humana” para a orangotango Sandra. Até então, Sandra havia sido considerada, conforme estabelecido pelo Código Civil e Comercial Argentino, uma “coisa” ou “objeto”. Sandra tornou-se, então, a primeira “pessoa não humana” global. Esse fato e outros, como o avanço do reconhecimento na jurisprudência das “famílias multiespécies”, estão modificando o status dos atores/titulares de direito para além das bibliotecas acadêmicas, colocando em discussão não apenas o que é humano e o que não é, mas também a validade dos paradigmas antropocêntricos²⁷.

Último comentário: sobre circulação e midiatização. Gostaríamos de expressar que a semiótica do futuro não será capaz de evitar uma distinção histórica crucial em sua tentativa de estudar os novos circuitos de produção e circulação de significado: a produção, o reconhecimento e a circulação. O cenário pós-crise da mídia de massa e a generalização de dispositivos de produção e publicação discursiva baseados em algoritmos e programas generativos que instalam novos circuitos de circulação de sentido estabelecem um distanciamento das “cenas comunicacionais” modernas e pós-modernas, e seus efeitos podem ser vistos no fato de que é comum ver análises que constroem cenas de troca nas quais essas diferenças são anuladas ou as instâncias são confundidas. O resultado está longe de ser positivo: analisa-se como se estivesse em reconhecimento quando se está em produção (e vice-versa); e não se analisa a circulação (que, como expressamos, é a diferença que o analista deve então postular entre ambas as instâncias, fenômeno que requer cada vez mais atenção se quisermos atender à circulação que caracteriza nossa contemporaneidade, cada vez mais hipermediática). É por isso que, mais do que nunca, nessa complexidade crescente, é importante lembrar que algo não mudou: a análise deve ser feita respeitando provavelmente a única característica da noção de discurso excessivamente antropocêntrica de Eliseo Verón (1987) que permanece válida: o fato de ser uma configuração espaço-temporal de significado²⁸. Ou seja, tem limites espaço-temporais. Com a apresentação de uma análise mínima das IAbuelas, tentamos mostrar a importância de distinguir rigorosamente, mesmo diante de discursos gerados com IA, análises na produção, no reconhecimento e na circulação; além das transformações dos atores/enunciadores²⁹.

A análise não termina aqui, de forma alguma: na medida em que se assume uma abordagem relacional, é possível fazer contribuições para questões como a

²⁷ Essa abordagem permite atender a atores/enunciadores não humanos, que são cada vez mais importantes em uma era em que prevalece a conectividade de todas as coisas (Di Felice, 2021). Em nosso atual Projeto Ubacyt “Midiatização digital, circulação e cidadania em uma contemporaneidade não antropocêntrica”, estamos investigando como redes semióticas específicas, como a jurídica, estão mudando a partir da penetração de concepções não antropocêntricas. Um exemplo: Mais informações sobre esse Projeto de Pesquisa: <https://semioticadere-des-carlon.com/2016/03/13/investigacionyposgrado/>

²⁸ O restante de suas características, como a de que somente as operações sociais investem uma materialidade de significado, são antropocêntricas porque se baseiam em uma das principais formas desse modo de pensamento, a crença na transcendência do social. Já foi apontado acima que, em nossa contemporaneidade, precisamos de uma abordagem do significado que inclua a consideração de operações naturais e maquínicas.

²⁹ É por isso que aqui também é fundamental lembrar a importância de não negligenciar a maneira pela qual os sistemas de mídia são permanentemente atualizados, porque somente uma perspectiva que os atenda e reconstrua constantemente pode explicar a hipermediatização contemporânea como um metaproceto e apoio da circulação.

mudança de época e seus efeitos em diferentes níveis micro e macrosociais, o que nos leva a outras questões, como a “crise do tempo” (Hartog, 2007). Esperamos poder continuar essa discussão, que está apenas começando, em outra ocasião³⁰. ■

³⁰Uma reflexão atual sobre essa questão pode ser encontrada na entrevista com Bañuelos Capistrán e Rigat (2024).

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2009). What is the Contemporary? In “*What is an Apparatus and Other Essays*” (pp. 39-54). Stanford University Press.
- Andacht, F. (2023). La relevancia de lo irrelevante. El pensamiento intempestivo de Peirce, Goffman y Borges. In M. Carlón, A. Silva, F. Garramuño, J. La Ferla, A. Lemos, G. Alzamora. . . (Eds.), *Lo contemporáneo: indagaciones sobre el cambio de época en América Latina*. (pp. 215-240). UBA.
- Arfuch, L. (2002). *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea*. FCE.
- Aumont, J. (1992). *La imagen*. Paidós.
- Bañuelos Capistrán, J., & Rigat, L. (2024). Entrevista a Mario Carlón: ¿Ante una Segunda fase de la contemporaneidad?. In *Mediaciones De La Comunicación*, 19(2), 1-10. <https://doi.org/10.18861/ic.2024.19.2.3923>
- Barthes, R. (1992). *La cámara lúcida. Nota sobre la fotografía*. Paidós.
- Bolin, G. (2024). Communicative AI and Techno-Semiotic Mediatization: understanding the Communicative Rol of the Machine. *Human-Machine Communication*, 7. <https://doi.org/10.30658/hmc.7>
- Bolin, G., & Ståhlberg, P. (2023). *Managing Meaning in Ukraine: Information, Communication and Narration since the Euromaidan Revolution*. MIT Press.
- Braga, J. L. (2017). Circuitos de comunicação. In J. L. Braga & R. Calazans (Coords.), *Matrizes interacionais: A comunicação constrói a sociedade* (pp. 43-64). EDUEPB.
- Carlón, M. (2004a), El lugar del dispositivo en los estudios sobre televisión. In *Sobre lo televisivo (dispositivos, discursos y sujetos)*. La Crujía.
- Carlón, M. (2004b). El Muerto, el Fantasma y el Vivo en los lenguajes contemporáneos. In *Sobre lo televisivo (dispositivos, discursos y sujetos)*. La Crujía.
- Carlón, M. (2006). *De lo cinematográfico a lo televisivo. Metatelevision, lenguaje y temporalidad*. La Crujía.
- Carlón, M. (2008). Maquinismo, naturaleza y sociedad en el discursos de las cámaras de informes climáticos y de control de transito por televisión. *Cuadernos de información y Comunicación*, 13, 131-141. <https://revistas.ucm.es/index.php/CIYC/article/view/CIYC0808110131A>
- Carlón, M. (2014). ¿Del arte contemporáneo a una era contemporánea? Efecto arte y el nuevo valor del presente en la era de Internet. In F. L. Rovetto &

- M. C. Reviglio (Comps.), *Estado actual de las mediatizaciones* (pp. 24-41).. UNR. <http://www.cim.unr.edu.ar/archivos/cuadernodelcim2.pdf>
- Carlón, M. (2016a). *Después del fin. Una perspectiva no antropocéntrica sobre la post-tv, el post-cine y Youtube*. La Crujía.
- Carlón, M. (2016b). Registrar, subir, comentar, compartir: prácticas fotográficas en la era contemporánea. In P. Corro & C. Robles (Eds.), *Estética, medios y subjetividades* (pp. 31-54). Pontificia Universidad Católica.
- Carlón, M. (2020a). Bajo el signo del presentismo: mediatización, cultura y sociedad contemporánea. In *Circulación del sentido y construcción de colectivos en una sociedad hipermediatizada* (pp. 187-210). NEU.
- Carlón, M. (2020b). Del poder de los enunciadores al poder de la circulación del sentido. Enunciadores hipermediáticos, análisis espacial y procesos de circulación del sentido. In *Circulación del sentido y construcción de colectivos en una sociedad hipermediatizada*. (pp. 97-158). NEU.
- Carlón, M. (2022). A modo de glosario. *deSignis*, (37). <https://www.designisfels.net/capitulo/i37-19-a-modo-de-glosario/>
- Carlón, M. (2024a). La mediatización. In D. Charras, L. Keival, & S. Hernández (Coords.), *Vocabulario crítico de las ciencias de la comunicación* (pp. 264-267). Taurus.
- Carlón, M. (2024b). No antropocentrismo y contemporaneidad. Una nueva relación en el campo de la memoria entre lo social, las máquinas y la naturaleza [Seminario]. VI Seminário Internacional Mediatizacao e Processos sociais.
- Carlón, M. (en prensa-a), Sobre la hipermediatización como proceso y las sociedades hipermeditizadas como resultado. *Actas del V Seminário Internacional Mediatizacao e Processos sociais*.
- Carlón, M. (en prensa-b). Imaginarios hipermediáticos, memoria e inteligencia artificial. *Flacso*.
- Carlón, M., & Proyecto Ubacyt. (2023). (Hiper)mediatizacion y circulacion del sentido en la construcción de los acontecimientos contemporáneos. In M. Carlón & Proyecto Ubacyt. *Lo contemporáneo: indagaciones sobre el cambio de época en América Latina*. IIGG. <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/250240/1/Lo-contemporaneo.pdf>
- Carlón, M., & Scolari, C. A. (2009). *El fin de los medios masivos. El comienzo de un debate*. La Crujía.
- Carroll, N. (2002). *Una filosofía del arte de masas*. Machado.
- Castells, M. (2009). *Comunicación y poder*. Siglo XXI.
- Crawford, K. (2021). *Atlas of A.I. Power, Politics, and the Planetary Costs of Artificial Intelligence*. Yale University Press.

D

Semiótica, (hiper)mediatização, circulação e atores/enunciadores

- Di Felice, M. (2021). *A cidadania digital. A crise da idea occidental de democracia e a participação nas redes digitais*. Paulus.
- Fabbri, P. (2000). La caja de las eslabones que faltan. In *El giro semiótico. Las concepciones del signo a lo largo de la historia* (pp. 23-54). Gedisa.
- Fausto Neto, A. (2010). A circulação além das bordas. In A. Fausto Neto, S. Valdetaro (Dir.), *Mediatización, sociedad y sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos* (pp. 2-17). UNR.
- Fernández, J. L. (2012). La semiótica de los medios y lo radiofónico. In *La captura de la audiencia radiofónica* (pp. 29-123). Liber.
- Fraticelli, D. (2023). *El humor hipermediático*. Teseo.
- Gombrich, E. (2002). Reflexiones sobre la revolución griega. In *Arte e ilusión. Estudio sobre la representación pictórica* (pp. 99-125). Phaidon.
- Hartog, F. (2007). *Regímenes de historicidad. Presentismo y experiencias del tiempo*. Universidad Iberoamericana.
- Hjarvard, S. (2014). Introdução. Da mediação a mediatização / Mediatização: uma nova perspectiva teórica. In *A mediatização da cultura e da sociedade* (pp. 13-72). Editora Unisinos.
- Krotz, F. (2017). The meta-processes of “mediatization” as a conceptual frame. *Global, Media and Communication*, 3(3), 256-260. <https://doi.org/10.1177/17427665070030030103>
- Latour, B. (2008). *Reensamblar lo social. Una introducción a la teoría del actor-red*. Manantial.
- Lemos, A. (2020). Plataformas, dataficação e performatividade algorítmica (PDPA): Desafios atuais da cibercultura. In N. Prata, S. C Pessoa (Orgs.), *Fluxos comunicacionais e crise da democracia* (pp. 117-126). Intercom.
- Metz, C. (1974). El estudio semiológico del lenguaje cinematográfico. *Revista Lenguajes*, (2).
- Perez, C., Trindade, E., Hellín, P., Lencastre, P. (2012). Target y tendencias de consumo en la contemporaneidad: Perspectivas teóricas para entender nuevos sentidos [Sesión de Congreso]. Proceedings of the 10th World Congress of the International Association for Semiotic Studies (IASS/AIS), Coruña, España.
- Santaella, L. (2024). Diagnostico do contemporâneo. *Estudos Avançados*, 38(110).
- Schaeffer, J.-M. (1990). *La imagen precaria (del dispositivo fotográfico)*. Cátedra.
- Schaeffer, J.-M. (2009). *El fin de la excepción humana*. FCE.
- Scolari, C. A. (2024). *Sobre la evolución de los medios. Emergencia, adaptación y supervivencia*. Ampersand.
- Sibilia, P. (2008). *La intimidad como espectáculo*. FCE.

- Silva, A. (2023). Imaginarios y arte: dos entradas a lo contemporáneo. In M. Carlón, & Proyecto Ubacyt. *Lo contemporáneo: indagaciones sobre el cambio de época en América Latina* (pp. 15-34). UBA.
- Verón, E. (1974). Para una semiología de las operaciones translingüísticas. *Revista Lenguajes*, 1(2).
- Verón, E. (1987). *La semiosis social. Fragmentos de una teoría de la discursividad*. Gedisa.
- Verón, E. (1994). Mediatización, comunicación política y mutaciones de la democracia. *Semiosfera*, 2, 5-36.
- Verón, E. (1995). La mediatización. In *Semiosis de ideología y poder: mediatización* (pp. 39-132). UBA.
- Verón, E. (1999). Esquema para el análisis de la mediatización. *Diálogos de la Comunicación*, (48), 9-17.
- Verón, E. (2001). El living y sus dobles. Arquitecturas de la pantalla chica. In *El cuerpo de las imágenes* (pp. 13-40). Norma.
- Verón, E. (2009a). Claude Lévi-Strauss y el fin del humanismo. In A. Bilbao, S. -E. Gras, & P. Vermeren (Comps.), *Claude Lévi-Strauss en el pensamiento contemporáneo* (pp. 311-317). Colihue.
- Verón, E. (2009b). El fin de la historia de un mueble. In M. Carlón & C. A. Scolari (Orgs.), *El fin de los medios masivos. El comienzo de un debate* (pp. 229-248). La Crujía.
- Verón, E. (2012). Prólogo. In M. Carlón & A. Fausto Neto (Comps.), *Las políticas de los internautas. Nuevas formas de participación* (pp. 9-15). La Crujía.
- Verón, E. (2013a). Binarismo y triadismo. In *La semiosis social, 2. Ideas, momentos, interpretantes*. (pp. 77-93). Paidós.
- Verón, E. (2013b). Ciclos de vida. In *La semiosis social, 2. Ideas, momentos, interpretantes* (pp. 421-432). Paidós.
- Verón, E. (2014). Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *MATRIZES*, 8(1), 13-19. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p13-19>

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.

